



HOSPITAL DE CHELSEA.

CHELSEA, que antigamente era uma aldeia a quasi duas milhas distante de Londres, está ao presente encravada nos suburbios na margem septentrional do Tamisa: o que faz notavel esta paragem é o hospital dos soldados invalidos, que está occupando o logar de um collegio d'estudos theologicos, criado por James 1.º, e que em tempo de Carlos 2.º foi applicado ao beneficente destino para que serve actualmente, reformando-se ou para melhor dizer refazendo-se com mais ampla e nova fórma a primitiva fabrica. Oito annos durou a construcção do edificio concludo-se em 1690; os lanços de que se compõe formam tres pateos; dois destes são espaçosos quadrangulos, o terceiro é aberto ao sul e proximo ao rio, com os tres lados de um quadrado, ornamentados de porticos fazendo um composto de graciosa apparencia: a frontaria do norte é de simplicissimo estylo com a portada lisa: ficam no centro do hospital a capella e o vasto refeitorio. Sustentam-se no estabelecimento para cima de 500 invalidos, que são regidos militarmente, e distribuidos em classes, conforme as graduações, os serviços, e os vencimentos que consequentemente percebem e que lhes são pagos ás semanas alem de terem o alimento e vestuario.

Ha tambem em Chelsea o «real asylo militar» que occupa uma grande casa, á qual lançou a pedra fundamental o duque de Yorck em 1801, terminando-se a obra dahi a quatro annos. É destinado á manutença e educação de meninos [com especialidade orphãos] filhos de soldados e officiaes inferiores.— A companhia dos pharmaceuticos de Londres tem um jardim botanico neste mesmo bairro.— Como a antiga igreja parochial de Chelsea não tinha sufficiente capacidade para a população que cresceu rapidamente, erigiu-se novo templo, que foi sagra-

do em 1824, e na verdade é edificio espaçoso e com magnificencia levantado; a invocação ou orago é o evangelista S. Lucas, e toda a parochia, segundo os recenseamentos de 1831, contem 32,371 habitantes, população assaz superior a de mui grande numero de cidades.

REFLEXÕES ETHNOGRAPHICAS, PHILOLOGICAS E HISTORICAS
A PROPOSITO DE UMA PUBLICAÇÃO RECENTE SOBRE
A ORIGEM CELTICA DA LINGUA PORTUGUEZA.

1.º

HAVERÁ um anno que appareceu um escripto anonymo destinado a refutar uma memoria do Em.º Cardeal Saraiva sobre as origens da lingua portugueza: o auctor do opusculo reivindicava para a latina a maternidade desta, que S. Em.^{cia} lhe refusára. Diferindo até certo ponto da opinião do escriptor anonymo, que nos parece ter attribuido ao latim puro uma acção demasiado *exclusiva* e *immediata* na formação do portuguez, não podemos deixar de reconhecer que elle tinha obtido um completo triumpho no pensamento essencial do seu trabalho; isto é, que tinha demonstrado o nenhum fundamento das sonhadas origens da nossa lingua, que se dizia existirem na linguagem primitiva das Hespanhas, conservada atravez de todas as invasões, conquistas, e mudanças sociaes da Peninsula com uma tenacidade, não dizemos admiravel, mas milagrosa. Assentámos que o opusculo anonymo ficaria sem resposta: acaba, porem, de sahir á luz a 1.ª parte de uma obra mais vasta que a memoria do Em.º Cardeal Patriarcha, em que seus A. A. [dois membros do Conservatorio Real] estabelecem quatro proposições que pretendem successivamente pro-

pugnar. Ei-las: 1.^a Que o latim introduzido na Península pela conquista dos romanos, não foi durante o dominio daquella nação a lingua vulgar dos hespanhoes e portuguezes [que portuguezes serão estes?] 2.^a que tambem o não foi até o reinado de D. Diniz, epocha em que, conforme a opinião geralmente recebida, começou a figurar a nossa lingua: 3.^a que em a natureza destes dois idiomas se dá uma opposição manifesta: 4.^a que o celtico é a fonte genuina do portuguez. Estas quatro proposições ao menos são claras e precisas. Demonstras-las ellas ficará perfeitamente refutado o escripto anonymo, cujas conclusões nos pareciam evidentes e indestructiveis.

Os A. A. do opusculo, cuja 1.^a Parte se acha publicada, tiveram a bondade de remetter-nos um exemplar della, pedindo-nos o nosso voto. Damos-lho sinceramente imprimindo as reflexões que nos occorreram á leitura do seu elegante e erudito escripto. Nasceram ellas de opiniões que anteriormente formámos por occasião de alguns trabalhos d' historia, a qual tem mais relações com a linguistica do que os A. A. do opusculo parecem accreditar.

Antes de tudo permittam-nos os dois illustres defensores das origens celticas cortar um pouco pela gloria de A. Ribeiro dos Santos, cuja critica está bem longe de ser em cousa nenhuma tão severa como elles affirmam; permittam-nos, dizemos, negar-lhe a elle a *invenção da theoria* de que a lingua patria teve origem celtica e não latina. Esta idéa veio de França: o que lá se tinha dito da lingua franceza disse-se em Portugal, *mutatis mutandis*, da portugueza, como em Hespanha por esse mesmo tempo o dizia da castelhana um homem que estava em sciencia e consciencia muito acima de Santos, o grande historiador Martinez Marina. Já em 1757 no Mercurio de França se *provava* que o francez actual era nascido do gaulez ou celtico. «Quando se observa — disse depois Girard — a prodigiosa opposição que ha entre a indole destas linguas [francez, italiano, e castelhano] e a do latim; quando se repara que a etymologia prova sómente a existencia de palavras emprestadas e não origem; quando se sabe que os povos conquistados tinham as suas linguas... não se póde dizer que sejam filhas della, &c.» É este pensamento de Girard, commentado depois largamente por Beauzée, que veio, segundo nos parece, inspirar os nossos defensores das origens celticas. Viesses, porem, d'onde viesse, é certo que se fosse verdadeiro devia ser adoptado: infelizmente não passa de um paradoxo, destinado a excitar a attenção pela novidade, e a lisongear a mania fidalga que tem as nações de remontarem na lingua, como em tudo, á maior antiguidade possível.

O pensamento de Girard e Beauzée e dos que o imitaram ou traduziram é paradoxal e falso, assim no concreto da questão especial que nos occupa, como no absoluto da theoria que estabelecem de regeitar as similhanças dos vocabulos para deduzir as origens exclusivamente das formulas grammaticaes ou indole da lingua. Os serviços que a Ethnographia tem feito nestes ultimos tempos á historia seriam em boa parte annullados se tal doutrina se houvesse de admittir. É empregando os dois meios, o da grammatica e o das palavras, que se tem podido chegar a estabelecer as grandes familias das linguas, e a respeito d'aquellas a que por imperfeitamente conhecidas não é ainda possível applicar o primeiro, os maiores ethnographos não tem duvidado

em classifica-las usando só do segundo, quando é evidente a analogia radical de duas linguas nas palavras que representam as idéas mais simples e necessarias a qualquer povo, embora selvagem ou apenas entrado na infancia da civilisação.

Foi uma grande verdade a que escreveu Maltebrun na sua carta a Balbi sobre o Atlas ethnographico, quando disse: «Alem dos resultados que produz a simples mistura dos idiomas considerados como grupos de raizes, cumpre tambem que se reconheça a acção livre da intelligencia humana que lhes modifica a seu bel-prazer as fórmulas grammaticaes, e que até póde sujeitar idiomas inteiramente diversos a uma legislação commum.» É esta reflexão exactissima, a qual muitas vezes nos occorre, que nos obriga no exame da filiação das linguas a preferir as conclusões que resultam da comparação do vocabulario ás que se poderiam tirar de certas affinidades ou antinomias de indole. As linguas seguem sempre, especialmente na syntaxe, o desenvolvimento ideologico dos povos que as fallam. Á proporção que as idéas se multiplicam e novas relações se vão encontrando entre ellas — que estas se tornam complexas por um lado, e por outro se vão subdividindo — que emfim os elementos do cogitar humano se coordenam, é acaso possível imaginar que a forma objectiva não se altere e não siga as transformações do verbo interior? E não acontecerá o mesmo quando *vice versa* uma nação corrompida parece retroceder para a barbaria? Póde haver uma ou outra condição grammatical que atravesse as diversas phases por onde passa no correr dos seculos o genero-humano, mas o seu numero deve ser limitado, postoque característico, e de feito é o que se deduz dos mais graves e extensos trabalhos linguisticos emprehendidos nos nossos dias.

Não saiamos do nosso paiz: não applicuemos esta doutrina, que por si é evidente, a outra lingua. Leamos numa pagina do Nobiliario attribuido ao conde D. Pedro, uma cantiga do cancionero antigo, um capitulo de Fernão Lopes ou da Traducção da Historia Biblica: imaginemos como exprimiriamos o que lemos na linguagem d'hoje commum e desaffectedada. Que acharemos? Não será uma palavra ou outra antiquada para substituir, mas a successão dos vocabulos para alterar, proposições para trocar, syntaxe para regularisar, verbos para reduzir a outras terminações nos seus tempos e modos. Se desattendessemos o vocabulario para só acceitar como prova da filiação as formulas da grammatica ficariamos ás vezes perplexos sobre se deveriamos conceder que o portuguez d'hoje seja o mesmo idioma, ou antes idiomas, de que usavam os nossos avós nos seculos 13.^o, 14.^o, e 15.^o

É uma cousa que desejaríamos fizessem todos aquelles que estudam a lingua patria com alguma philosophia, que depois de terem lido os nossos escriptores da grande epocha, isto é, da segunda metade do seculo 16.^o, passassem seguidamente a ler Macchiavello e Villani, Montaigne e Rabelais. Estamos certos de que muitas vezes creriam terem ante si paginas de Arraes ou de Heitor Pinto, de Barros ou de Francisco de Moraes, escriptas com palavras italianas ou francezas. É que as tres linguas correspondiam ao mesmo ponto do progresso ideologico das nações modernas: era que tinham partido quasi a um tempo da barbaria e achavam-se por consequencia proximamente n'um gráu semelhante de aperfeiçoamento. As phrases, a syntaxe, e ainda muitas outras das condições que constituem

a indole de um idioma assemelhavam-se entre esses tres, porque o estado das idéas era em geral o mesmo no occidente da Europa.

Venhamos ao tempo presente e continuemos o estudo das transformações grammaticaes, sem sahirmos de casa. De que se queixam os que lamentam a perversão da linguagem actual pela influencia do francez? Da introdução de alguns poucos vocabulos; mas principalmente da alteração completa da syntaxe e em geral da indole da lingua, alteração que, em nosso entender, nenhuns queixumes, nenhuma diligencias evitarão em quanto não se destruir a acção intellectual da França em Portugal, o que é impossivel. E todavia como actua a lingua franceza em a nossa? — Unicamente pela imprensa, pelos livros; mas cada livro é como um individuo daquella nação que vem fallar no meio de nós; individuo por via de regra mais civilisado, mais rico de idéas, ou pelo menos de idéas mais bem ordenadas, que os que o escutam. Reflectidas em nossa alma essas idéas, a que muitas vezes não é facil achar a formula nacional que as represente como as concebemos, até porque haverá casos em que tal formula não exista, exprimimo-las involuntariamente com a phrase peregrina. Então aquellas idéas, partindo de sujeitos superiores em civilisação e cultura d'espírito, vasadas no molde estrangeiro, deram-se entre o povo, e passados poucos annos vamos encontra-las trajando já o burel popular no mercado, na taberna, e até nos logares que mais resistem ás innovações de todo o genero, nas povoações ruraes.

Tal é o facto que passa diante de nossos olhos, e que qualquer observador mediocre póde verificar. Sem invasão pessoal de estranhos, n'um periodo de muito menos de um seculo, operou-se em grande parte uma importante transformação, que nos parece possivel conduzir prudentemente para que não desfeche em anarchia; mas que julgamos vão empenho tentar destruir, porque os que imaginarem ter forças para luctar contra a torrente, só alcançarão mais cedo ou mais tarde serem submergidos e affogados por ella.

Deve-se por isto, no estudo das origens, abandonar inteiramente a comparação da indole das linguas? Não por certo: quando as analogias grammaticaes vem confirmar os resultados das semelhanças das raizes, ellas completam as provas deduzidas do vocabulario, e fixam positivamente a nossa opinião. Se, porem, a influencia de uma nação sobre outra, debaixo de certos aspectos igualmente civilisada, influencia exclusivamente litteraria, póde produzir tão graves mudanças grammaticaes em menos de um seculo; que succederá entre as linguas mães e as suas derivadas, quando as migrações, as conquistas, as misturas de raças, os progressos e decadencias intellectuaes, e a successão de milhares d'annos tenham contribuido por infinitas maneiras para alterar a indole do idioma transmittido? Podem-se, na verdade, muitas vezes averiguar e avaliar as causas que produziram essas alterações, marcar-lhes até os limites, mas recusar-lhes a existencia ou a acção seria contradizer a historia e a propria experiencia dos nossos dias.

Se em these o systema de desprezar o vocabulario para se ater exclusivamente á grammatica é absurdo, na hypothese de estudar as origens da lingua portugueza, ou de outra qualquer da Europa central e meridional, e de inquirir se o celtico ou o latim formam a base dellas, tal systema corre

grande risco de ser ridiculo, porque no estado presente da ethnographia elle conduzirá seus fautores ao impossivel, ou antes ao nada. Hoje parece incontestavel que todas as linguas da Europa chamadas mães, ou primitivas, tem uma origem commum — o Sanskrit, ou um mais antigo idioma que o gerou, e tambem ao grego, ao latim, ao teutonico, ao slavo, e ao celtico. (*) E como se chegou a semelhante resultado no exame comparativo dessas linguas? Pelas claras analogias grammaticaes que ha entre ellas, pela comparação das palavras elementares, ou antes necessarias em qualquer idioma, despojadas das letras ou syllabas affixas ou prefixas, e attendendo a certas mudanças regulares de taes ou taes consoantes de uma para outra lingua. Assim os que na indole do celtico quizerem achar contraste com a do latim terão primeiro de destruir as doutrinas dos principaes ethnographos e linguistas da Europa, trabalho e gloria, que estamos bem longe de lhes invejar.

Mas, dir-se-ha, se é verdade que o Sanskrit seja a mãe commum de todas as linguas antigas da Europa, e se a grammatica e os vocabulos concordam em mostrar essa origem identica do latim e do celtico, a comparação das palavras elementares ou necessarias do portuguez com as suas semelhantes, latinas e celticas, dará um resultado igual á das approximações grammaticaes, isto é, a impossibilidade de resolver a questão das origens. Este argumento que ao primeiro aspecto parece concludente, fôra apenas especioso: o celtico e o latim não são sanskrit; são duas transformações delle, transformações operadas por diverso modo porque para ellas concorreram circumstancias diversas. Nas letras ou syllabas radicaes das tres linguas ha clara analogia, e muitas vezes identidade; mas as affixas e prefixas e o som fluctuante das vogaes em cada uma dellas fazem variar a totalidade do mesmo vocabulo de uma para outra, e muito mais nos seus dialectos. (:) Transformadas, organisadas, e augmentadas na Europa, ellas geraram as modernas por transformações successivas, vindo as ultimas a ser, por assim dizermos, as netas ou bisnetas da lingua fundamental da Asia que produziu aquellas. Assim ficando na base de todas, antigas ou modernas, certos caracteres de indole, communs e fundamentaes, que profundamente as separam das pertencentes á familia semitica, em cada uma os respectivos vocabulos de significação identica são mais ou menos diversos na sua forma completa, posto que nas radicaes sejam identicos. As linguas modernas, porem, nascidas em circumstancias mais favoraveis deviam tomar daquelle idioma de que nasciam uma boa parte das suas letras affixas e prefixas, isto é, mostrar mais facilmente, e ao primeiro aspecto a lingua de que provinham immediatamente. A palavra sanskrita *mira*, por exemplo, é na verdade a remota origem da palavra portugueza *mar*; mas tendo ella passado pela formula de uma lingua inter-

(*) As obras em que esta materia se póde estudar a fundo são a de Bopp — *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, &c.* — a de Pott — *Etymologische Forschungen auf dem Gebiete der Indo-Germanischen Sprachen*, a de Prichard — *Eastern Origin of the celtic Nations*, e ainda a de Balbi — *Introduction à l'Atlas Ethnographique*.

(:) Como se vê nos numeracs dos dois dialectos celticos conhecidos: por ex. *dvi* Sanskrit, em latim *duo*, no Cymraeg *da* ou *do*, e no Gael *dau* ou *dwy* = *chatur* S., em lat. *quatuor*, no Cym. *keathair*, e no G. *pedwar* = *shash* S., em lat. *sex*, no C. *se*, no G. *chwech* = *Navan* S., em lat. *novem*, no C. *noi*, no G. *naw* &c.

media fallada outrora na Hespanha, e devendo nós resolver se nos veio pelo latim ou pelo celtico, ficaremos convencidos de que foi pelo primeiro quando soubermos que *mar* corresponde ao vocabulo latino *mare* e ao celtico *muir* ou *mor*, segundo fór cymraeg ou gael.

Deste modo fica evidente que a sub-filiação das linguas dentro da mesma familia só póde ser indicada pelos vocabulos, ao passo que a analogia grammatical, nos habilita para classificarmos os idiomas, não tanto em relação á sua origem immediata, como em relação á sua origem primitiva.

Fizemos estas reflexões que talvez deveriamos guardar para quando se publicassem a 3.^a e 4.^a partes do opusculo a que nos referimos para precaver os auctores d'elle contra a empreza que promettem commetter e que nos parece excederá as suas for-

ças, porque é quanto a nós impossível. Para então reservâmos desenvolver mais largamente as doutrinas que apenas esboçámos aqui, ou confessar que nos enganámos, servindo-nos de consolação o haver-nos succedido essa desaventura em excellente companhia. Pondo, pois, de parte no emtanto as questões de linguistica suscitadas pelas duas ultimas proposições estabelecidas no prologo do opusculo, avaliemos os factos e raciocinios que ahi se adduzem em prova de que o *latim introduzido na Peninsula pela conquista dos romanos, não foi durante o dominio daquella nação a lingua vulgar dos hespanhoes*. Na escolha d'uns e d'outros, os auctores do opusculo não foram, segundo se nos affigura, demasiadamente felizes.

(Continuar-se-ha.)
A. Herculano.



ELIO Adriano, filho de um primo de Trajano, era de ascendencia hespanhola, postoque nascesse em Roma no anno do Senhor 76: ficou orphão na idade de dez annos sob a tutela de Trajano, e de um cavalleiro romano por nome Taciano; o primeiro lhe deu em casamento sua sobrinha Sabina, e quando se elevou a imperador foi acompanhado por Adriano nas campanhas da Dacia e do Oriente. Morrendo Trajano em Selino, na Cilicia, no anno de 117 da nossa era, Adriano, a quem elle commettêra o mando do exercito da Syria, foi proclamado imperador pelos soldados em Antiochia, donde escreveu ao senado requerendo a sua confirmação: Plautina, viuva de Trajano, o favoreceu nesta pertença, asseverando que seu marido no leito da morte o havia nomeado successor; serviço pelo qual o novo imperador manifestou a sua gratidão a Plautina em toda a vida. O senado confirmou a eleição; e Adriano, depois de haver repellido os inimigos e concluído a paz com os armenios e parthos, voltou a Roma, e resignou as honras do triumpho, que lhe decretavam, e que eram devidas a Trajano, que tinha feito a parte mais importante da campanha, pelo que o successor quiz que n'aquelle apparatus pomposo e publico fosse victoriada a imagem do imperador defunto. Então Adriano perdoou todos os atrazados que ao thesouro deviam assim os particulares na Italia, como as provincias por suas contribuições annuaes, e no Fóro [praça] de Trajano fez queimar as cédulas ou documentos dessas dividas, que montavam a muitos milhões. Por esta occasião se cunham medalhas com a imagem do imperador tendo na mão um facho largando fogo á tulha daquelles titulos onerosos, e com a legenda *enriquece todo o mun-*

do. De nenhum dos imperadores ha tamanho numero de medalhas cunhadas nas diversas provincias, como de Adriano, porque elle correu quasi todas as do imperio, incluídas as da Asia, d'Africa, algumas de Hespanha, as Gallias, e até a Britannia [Inglaterra], deixando por toda a parte vestigios da sua liberalidade, e corrigindo os abusos, tendo empregado nestas viagens a maior parte do seu reinado. Todo esse grande numero de medalhas formam uma interessante serie, que um numismatico italiano, Mezzabarba Birago, poz por ordem e esclareceu. — Como não é nosso intento dar em compendio a vida de Adriano, que se lê em qualquer historia romana, só nos referiremos ao objecto da gravura precedente, que mostra uma peça da serie, que mencionámos, e está ligada com os factos historicos da rebelião de Barcochébas, ou o falso Messias, tendo-se levantado sob o prestigio deste fanatico os judeus contra os romanos; factos consignados em o volume 3.^o da nossa primeira Serie a pag. 187. — Quando Adriano fez a segunda visita á Asia, e depois de correr a Syria, voltando pela Thracia e Macedonia, repousava em Athenas, chegou-lhe a noticia da revolta judaica, que tomando posse da cidade santa se espalhára immediatamente pelas provincias contiguas á Palestina: para a suffocar viu-se precisado a encarregar deste feito o seu melhor general Julio Severo, que então andava na Britannia ás mãos com os naturaes do paiz; e este official perito teve de combater por quasi tres annos a rebelião dos sectarios de Barcochébas: até que foi morto este na defensão de seu ultimo intrincheiramento, o campo de Bethar. Vencidos os judeus, cunhou-se a medalha, de que offerecemos estampa.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

23.º

Preparação.

NA taberna da tia Josefa tinham pois, como diziamos, conselho secreto os maiores da plebe de Burgos: ordem do dia — a cabeça do adail alavez: primeiro orador inscripto — mossem Sueyro Gaidiz.

Preopinava mossem Sueyro Gaidiz, e moía a paciência da illustre assembléa debaixo da mó inexorável da sua erudição. Mas acabou bem: pediu a cabeça do adail! Mais caridoso para com a posteridade do que para os seus ouvintes não restituiu o seu discurso (*nota do tachigrapho*). Passemos portanto ao segundo orador. Falla mestre Crispim, o çapateiro.

— Poucas palavras, boas palavras [disse o honrado opinante... ou preopinante... Vá preopinante]. Ao castello, e matemos o adail.» Um murmúrio de approvação se ergueu na assembléa: alguns houve até que chegaram a levantar-se, gritando com enthusiasmo: *vamos, vamos!* Mas mestre Romão, o barbeiro, tendo primeiramente trocado uma vista de olhos com a velha, disse:

— Tá, tá, tá! Ao castello, não é mais senão ir ao castello! E que é dos engenhos, que é das escadas?... Mas que os houvesse, e depois?... E nm virote por um olho? e uma pedra pelos testos? e um tramholhão nos estrepes? e uma queda no fosso? Heim!» Mestre Romão fallára ao medo, e fizera um effeito prodigioso na consciencia da assembléa.

— Rasões que não vão, nem vem! [retrucou mestre Crispim indignado]. Se todos assim discorressem, bem aviados estavamos. Porta aberta, entrar, freguezes! Entrem moiros, entrem leonezes, entrem alavezes, entre o démo; e barrete na mão, joelho em terra p'r'amor dos virotes, das pedras, das lanças!... Ó almas de cantaro!... Fogo nos pães, machado nas arvores, vindima nas vinhas, rapinha nos gados, sacco nas casas, e nas igrejas, mais nas mulheres; e bico calado!... p'r'amor dos virotes... Ora abobora!» E levantando-se de um tamborete de cortiça em que estava sentado, mestre Crispim metteu a ponta de um páo ferrado que trazia, debaixo do sovaco direito, e estendendo em diagonal a perna esquerda, poz-se a menear a cabeça, e o corpo, e a olhar com modos parlamentares para o barbeiro, surrindo-se, e repetindo de quando em quando: *p'r'amor dos virotes, p'r'amor dos virotes!*...

O discurso energico, picturesco, e ironico de mestre Crispim tinha restituido os animos do torpor em que os lançára a rethorica pacifica do barbeiro. Já se ouviam um sussurro e vozes de applauso: *bem fallado, bem fallado, mestre Crispim!* Mestre Romão tinha perdido a maioria: o barbeiro estava cabisbaixo e enfiado; a velha mordida o beijo de baixo com os dois dentes incisivos, que unicos lhe restavam, em termos de lhe abalarem, mostrando assim que temia mais perder a popularidade do que perder os dois dentes: e o çapateiro conservava-se na attitude *demosthenica* em que o pintámos, exaggerando cada vez mais o tom e gestos de mofa, e repetindo o estribilho: *p'r'amor dos virotes, p'r'amor dos virotes!*...

A mestre Romão foram-se gradualmente averme-

lhando as orelhas, entraram depois uns formigueiros a subir-lhe pelo corpo, e fugindo-lhe a luz dos olhos, n'um accesso de raiva arremetteu para mestre Crispim com os punhos cerrados, exclamando [sem ter pedido a palavra]: *ah! birbante e remendão de uma figa!* O outro alçando o cajado: *lá para traz* — gritou elle — [não tinha pedido a palavra] *ou racho-vos a cachola!* Então foram chamados á ordem os dois oradores, e a ambos seguraram para se não engalinharem; poupada, provavelmente, a mestre Romão uma derrota *no campo* alem da que acabava de experimentar *na tribuna*.

Digam lá o que quizerem, eu creio firmemente, com todas as veras da alma, na *synthese primitiva da consciencia*, tal qual a ensina Cousin com pontos e virgulas; e creio mais — que na *synthese primitiva da consciencia* da tia Josefa estava encaixado, entre outros capitulos da *tactica das assembleas legislativas*, de Bentham, o capitulo das = *diversões artificiosas*. — Ora eu não truco de falso, para o que ahí vai a integra do famoso discurso pronunciado *ex abrupto* pela nossa heroína, depois de restabelecido o silencio na assembléa, que um momento se tornára tumultuaria:

— Meus freguezes [começou a velha] amanhã, depois da execução do maldito alavez, sois servidos de vir almoçar comigo? [expectação na assembléa]. Tenho-vos alli um petisco que vos ha-de saber que nem gaitas; aquelle petisco... — lembra-vos, compadre Crispim? — parece-me que ainda vos estou vendo a lambar os dedos á forçura! [signaes de attenção, e de grande interesse]. Foi uma noite cheia aquella. Mas mal diríamos nós então que a pêra havia de amadurecer tão depressa, e que Ramiro levaria uma surra como a que levou! Ah! nosso defensor e pai desta terra de Castella, estais hoje mandando em vossa casa como quem sois, sem ninguem vos dar sentenças! Louvado seja o Sr. S. Victor, mais a minha Sr.ª St.ª Cacilda, padroeira d'este burgo! [e a velha virou o pescoço, e beijou os registos d'estes dois santos que estavam pegados na parede]. Abaixo de Deus, e de toda a côrte dos céos [e inclinou a cabeça com uma devota reverencia] devemos tudo ao nosso conde. Fiemo-nos n'elle, freguezes, e tenhamos paciencia; que Roma e e Barbaria não se fizeram n'um dia.

(*E fazendo uma habil transição.*) Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo, eu me benzo de vós, compadre Crispim! Que fragoa é essa? Nunca vos vi assim, nem quando estavamos ambos com o sangue na guelra, e quando vós, meu casquilho, andaveis todo enlevado na moça Josefa, com os seus 18 então, a toirinha dos tafues, agora com os seus 60, a velha da Vejarrua! [e pregou uns olhos em mestre Crispim mais vivos que os de um gato em uma adega, pondo-se a sorrir por uma fresta da boca, donde mostrava a meio páo os dois dentes solitarios. Sorriso contagioso que pegou logo em toda a assembléa]. São passados tantos janeiros por essa cabeça como de neves na serra, e o fogo sempre a arder-vos, compadre! [Os sorrisos comprimidos entraram a desafogar-se em risadas]. Ora temperai com agua fria as vossas fervuras, que eu vos prometto — fiais-vos, ou não vos fiais na velha da Vejarrua?... [*Essa é boa! essa é boa! tia Josefa; exclamaram todos*]. Eu vos prometto á fé de christãa e de castelhana que amanhã ás horas do nosso almoço já o corpo do perro alavez ha-de estar estendido como um javardo, e a alma terá feito uma visita ao quartel de satanaz! (*estrondosos applausos*).

O cumprimento de uma promessa.

As estrellas vam-se apagando no firmamento: só resta uma, ainda brilhante, a da alva. A manhã vem rompendo. O ar está frio: o burgo profundamente adormecido: as ruas solitárias e desertas. Somente na Vejarrua se sente abrir de manso uma porta. De dentro saem dois vultos. São mulheres: uma vem tossindo; é velha — é a tia Josefa: a outra lestes em seus movimentos mostra ser moça — é Anna. Vão apressadas, caminho do castello.

Do castello também vem sabindo a essa hora uma guarda de bésteiros. Quem é esse homem que vai no meio d'elles, pallido, desbarretado, com um ramal de contas ao pescoço, e um crucifixo na mão? É o vigario alavez que vai ser justicado. E ess'outro coberto de dó, vestido de saio, cingido de uma corda de esparto, e armado de um cutello? É o algoz.

Ao lado do padecente caminha um frade: ora reza os psalmos em voz baixa, ora exhorta a victima a bem morrer: só de espaço a espaço chegando-se-lhe ao ouvido lhe diz algumas palavras, a que o sentenciado mudando a serenidade com que caminha, em expressão de agastamento, responde: *não porfieis, padre; a minha resolução é inabalavel*. Era que preferia a morte ao papel de portador de uma mensagem odiosa para o rei de Leão. Esta alma nobre e altiva era incapaz de envilecer-se no infortunio!

O prestito funebre caminhava: o azul do céu para a parte do oriente começava a graduar-se em cor de rosa: o padecente pediu que parassem por alguns momentos: pararam. Prostrou-se então com a face por terra, e resou em voz baixa. N'esse ponto chegavam as duas mulheres ao cimo da montanha; e via-se o vulto de um homem em distancia como observando. Estava embuçado n'um capote; mas não se lhe descubria o rosto: só se lhe divisava, relusente, a cimeira militar.

Poucos instantes havia que o condemnado jazia n'aquella postura, quando o almocadem que comandava a escolta, disse para elle com impaciencia: *levantai-vos: faz-se tarde: não posso demorar mais tempo a execução*. O condemnado levantou-se: e o triste acompanhamento continuou a caminhar, sempre por cima do monte, até uma pequena planura onde havia de ser a execução.

O embuçado foi seguindo de longe; as duas mulheres de mais perto. Resavam ambas. Mas a velha passava machinalmente as contas de um rosario que tinha na mão, conservando enxutos os olhos, e debuxando-se-lhe no rosto uma viva expressão de curiosidade e de alegria; em quanto a moça orvalhava a sua prece fervente de lagrimas compassivas. D'aquellas duas orações uma abortava na terra, morrendo sobre os labios hypocritas que a diziam; a outra era sincera e fecunda, e subia até o céu.

Chegou enfim o prestito ao sitio designado para a execução. Parou: parou também o homem embuçado: pararam as duas mulheres. O padecente pediu por ultima graça que o deixassem recitar por intenção sua e da escolta a oração dominical. Concederam-lho, mas recommendaram-lhe brevidade. Ajoelhou então, e poz-se a dizer em voz alta: *«Padre Nosso, que estaes nos céus»* mas em chegando ás palavras: *«não nos deixeis cahir em tentação»* o almocadem que viu despontar no horisonte os primeiros raios do sol, não consentiu mais detença. O padecente levantou-se; abraçou o confessor, beijou o crucifixo, exclamando: *Senhor! compadecei-vos*

de mim; salvai a minha alma! disse ao algoz *«eu te perdo-o»* e offereceu-lhe o pescoço. A escolta ajoelhou: as duas mulheres, e o homem embuçado ajoelharam também. O algoz recuou um passo, apertou nas mãos o cutello em attitude de descarregar o golpe, e ia descarregá-lo, quando no ar retumbou um grito agudo, sonoro, penetrante, lamentoso, e prolongado; grito horrendo que o fez estremecer, e a toda a escolta. Era uma aguia que passava; e deixára cahir o que quer que era ensanguentado quasi aos pés do réo.

O sobresalto paralisou o braço do executor: o terror supersticioso mui arreigado n'aquellas eras, era bastante para, ao menos, fazer suspender a execução. O algoz perplexo olhava para o almocadem, o almocadem para o condemnado, os bésteiros uns para os outros; todos como em espanto guardavam silencio; e nem sequer tinham attentado para a presa que a aguia largára no chão. Somente os olhos do padecente se cravavam n'uma cabeça humana; porque uma cabeça humana era o que acabava de cahir-lhe aos pés. Ainda impressionado do pensamento da morte, ao vigario alavez pareceu-lhe de feito, que havia sido degolado, e que não era com a vista corporea, mas com a da alma que elle estava vendo uma cabeça ensanguentada a seus pés. Ao deliramento da imaginação que o desvairava, succedeu logo um impulso do instincto vital: levou as mãos á sua cabeça, apalpou: e cahindo em si, convenceu-se então que verdadeiramente estava vivo; e esta convicção espavoriu-o, e fê-lo arrancar um grito. Fugiria; mas uma força mysteriosa o encadeava com um grilhão de ferro n'aquelle sitio funesto.

Tudo isto se passou n'um relance, muito mais rapido do que o descrevemos. E nesse momento rapido ouviu-se a voz do homem embuçado que vinha correndo, e aos gritos para a escolta: *«parai, parai.»* Ao chegar, os soldados abaixaram as bestas, o almocadem abateu a espada: rendiam homenagem ao conde de Castella: era elle o homem embuçado.

Ouvira também o grito horrendo da aguia, e vira cahir alguma cousa do ar: elle impavido nos combates, tivera medo agora.

O conde mandou levantar do chão a cabeça. O rosto estava contuso, e lavrado de arranhaduras profundas; as feições desbotadas, contrahidas, um tanto deformes, mas ainda inteiras. O vigario alavez por attracção indizível não despegava os olhos d'ellas. Veio agua: lavaram as nodos de sangue que empanavam a fisionomia desconhecida; pentearam-lhe as barbas e os cabellos que estavam descompostos e eram muito compridos ao estylo dos godos; e os homens que alli estavam um a um a examinaram miudamente: mas nenhum a conheceu. Somente o réo não tomou parte neste exame: mas a vista conservava-a sempre fita com estranha anciedade naquelle despojo mortal.

Concluido o exame, virou-se o conde para o réo:

— Vigario, salvastes a vida: agradecei-o a esta cabeça.

— Perdoaes-me. . . . a vida. . . . por amor desta cabeça ensanguentada que aqui veio ter! Deixai-ma interrogar. . . .

— Interrogar! [exclamou o frade] seria um sacrilegio nefando. . . .

— Interrogar. . . . equivoquei-me [continuou o vigario] *Examinar*, queria eu dizer. . . deixai-ma examinar.

— Não é vedado [lhe tornou o frade].

— Podeis examiná-la [disse o conde].» Foi-lhe entregue; tomou-a nas mãos, que lhe tremiam; e o conde e a escolta toda o rodearam a observar aquella averiguação extraordinaria.

Começou por apartar-lhe os cabellos no occipio. Ao encontrar-lhe naquella sitio uma malha branca, entraram de novo a tremer-lhe as mãos.

— Vós tremeis? [lhe disse o conde].

— Não é nada, senhor: padeço de nervos.»

Depois passou a abrir-lhe os olhos que estavam meio fechados; e ao fitá-los recuou todo convulso.

— Que é isso? [perguntou o conde] Conhecestes acaso essa cabeça?

— É que. mas não. . . . não é possível. . . . seria horroroso. . . . é illusão minha [respondia o vigario, titubeando]. . . . Tentemos o ultimo desengano.» E dizendo isto, descerrou-lhe a boca; e vendo-lhe um signal demudaram-se-lhe as feições, vergaram-lhe os joelhos, e cahiu por terra.

— Conheceu-o! [disse o conde] Ao que parece era algum amigo extremoso. Quem será? [E virando-se para um dos bésteiros que levantava do chão ao vigario:]

— Lançai-lhe agua sobre o rosto, para que torne em si, e averiguemos por uma vez este mysterio assombroso.»

Tornado a si o vigario, tomou outra vez nas mãos a cabeça, beijou-a com muito affecto, e derramou sobre ella uma torrente de lagrimas. Depois lançou-se de joelhos, e fez oração por breves momentos. O conde respeitando aquella dor, não ousou interrompê-lo; mas logo que o vigario se levantou, tornou a perguntar-lhe com o mais encarecido interesse de quem era aquella cabeça? O vigario replicou:

— Lembrais-vos, senhor, de um homem que ha poucos dias sabiu de Burgos com um cartaz vosso?

— Lembro, não ha duvida! É um traidor que abusou da minha generosidade e boa fé, e que a estas horas deve de estar, vivo ou morto, em poder dos meus soldados.

— Traidor não foi, senhor: foi imprudente e infeliz! . . . Esmagou-o a ambição dos homens debaixo da sua roda de ferro.

— É meu inimigo aleivoso, e atrocissimo.

— Já o não é.

— Porque fallais vós assim?

— Porque as inimizades não passam alem da tumba. . . Senhor, rezai por alma do conde Véla!

— Que dizeis! quem vos trouxe a nova da sua morte?

— Esta cabeça que aqui vêdes, que é sua! [respondou o vigario com voz plangente e cortada de soluços].»

Revelação tão pouco esperada encheu de assombro e horror a todos; e quantos estavam presentes se approximaram para ver de novo a cabeça.

— Ó Deus! Como é possível isto! . . . e por que prodigio! . . . [exclamou o conde].

— Nem o posso explicar, nem o posso duvidar [lhe tornou o vigario].

— Altos juizos da Providencia! [exclamou o frade, levantando os olhos e os braços para o céu].»

Então os que conheciam o conde Véla, e tinham bem presentes as suas feições, entraram a referir com pasmo como da primeira vez que examinaram a cabeça, tiveram um toque interno, um aviso vago daquella verdade; mas que esse presentimento confuso o dissipára a reflexão, que recusava dar credito ao testemunho dos olhos.

Em quanto os mais se occupavam do caso estranho e estupendo, entregando-se a differentes conjecturas ácerca delle; o vigario, desattento a quanto se passava em roda delle, parecia absorto em cogitações profundas e melancholicas. Mas despertando do seu scismar de repente se dirigiu ao conde, com gesto sombrio, e accento solemne:

— Senhor, podeis escutar-me? ainda tenho que dizer-vos.

— Estou prestes a ouvir-vos.

— Recordais-vos acaso de um homem que n'uma batalha a que assistieis, rodeado de inimigos derramou ondas de sangue em volta de si, e quebrando-se-lhe a espada, coberto de feridas, assim mesmo abriu caminho por meio delles com um punhal que lhe restava?

— Foi em St.^o Estevão de Gormaz. Abono a bravura desse homem; esse homem creis vós.

— Recordais-vos da lealdade com que elle ainda não ha muitas horas recusou a vida que lhe offerecieis, por não querer encarregar-se de uma mensagem affrontosa para a honra propria, e para a memoria do seu tiuphado?

— Certamente! Desagradou-me a vossa recusa; mas respeitei o motivo.

— Pois se algum dia, senhor, encontrardes homem que suspeite alealdade desse homem, desmenti-o com aquelle exemplo; se houver quem ponha em duvida o seu valor, desenganai-o com a historia da sua vida, e contai-lhe. . . . a sua morte. E ao proferir estas ultimas palavras duas vezes cravou no peito o mesmo punhal que lhe tinha salvado a vida na batalha; murmurou ainda o nome do conde Véla; oscillou-lhe o corpo; e foi cair junto ao despojo mortal do seu tiuphado assassinado.

Acudiram; era tarde: as feridas eram de morte: o vigario expirava. «*Deus se amercée da sua alma*» disse o confessor consternado, e deitou-lhe a absolvição. — *Era um modelo de cavalleiros e um amigo como são raros!* [acrescentou o conde, limpando uma lagrima].

— Anda dahi, choramigas, que, pela sombra daquelle outeiro, já lá vai uma hora depois de sol nado: temos ainda de preparar o petisco da forçura para o almoço dos nossos freguezes, que hão de estar á espera de nós, disse a velha muito enxuta, acotovelando a rapariga, que se debulhava em lagrimas. As duas estavam no sitio onde se acabava de passar aquella tragica scena, como dissemos: fizeram a sua mesura ao conde, e descamparam ambas montanha abaixo. A velha, leve como um sargento, despejava terra, que tinha diabo, assooprando de quando em quando as mãos por causa do frio; em quanto a rapariga a seguia pensativa, e, sem embargo da grande differença de idade, nesta hora muito menos agil do que a outra, parecia que os pés lhe iam pezando arrobas.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.

OS PORTUGUEZES EM MACÁU, E OS CHINAS.

ORDINARIAMENTE se presume que o imperio que fundamos na Asia desde o começo do seculo 16.^o foi o fructo da conquista, da superioridade da nossa marinha, e daquella indomavel valentia e capacidade militar dos cavalleiros portuguezes da eschola d'Africa. Em grande parte assim foi; e não falleciam

rasões para de alguma sorte legitimar o principio. Quando Affonso d'Albuquerque se apresentou com sua armada diante d'Ormuz dominada pela astucia, riqueza e commercio dos arabes, que dirigiam a politica daquella côrte [conta João de Barros], allegou desta sorte seu direito: = estes arabios são os descendentes daquelles que foram á Hespanha invadir e tyrannisar os portuguezes: nós lhes arrancámos das mãos suas conquistas; e desde então somos inimigos; e lhes fazemos contínua guerra, primeiro na Africa, depois na sua mesma Arabia, seguidamente na Persia, e por ultimo lh'a faremos na India. =

Entretanto algumas das possessões portuguezas e outras que ainda conservámos, tiveram por fundamento mais nobres principios, porque nelles não ha os escrúpulos da violencia, mas antes as virtudes da gratidão e do reconhecimento a serviços prestados. Assim aconteceu com a ilha e praça de Diu, que o rei de Cambaya cedeu ao governador da India, Nuno da Cunha, quando o mandára auxiliar contra inimigos poderosos: assim, com a preciosa e estupenda colonia de Macáu; fazendo-se em favor dos portuguezes esta insigne e singular excepção na politica ciumenta, e reservada do *celeste imperio*. Os especuladores e viajantes que ahí aportam pasmam e se confundem ao contemplar um punhado de portuguezes grupados na ponta d'um rochedo no angulo d'uma ilha chinesa sustentar a travéz dos seculos e das vicissitudes dos dois povos um ponto de dominação no patrimonio immenso de uma potencia de que se não sabe contar a população. Entre os curiosos que mais proximamente viram, examinaram e escreveram as cousas de Macáu encontramos o celebre navegador, Dumond-D'Urville, que em poucas linhas resumiu a historia desta nossa colonia, terminando pelo triste e desconsolado traço, que nossos leitores apreciarão como lhes parecer. Pareceu-nos seria de proveitoso interesse publicar aqui este curto summario, assim como as reflexões do seu companheiro de viagem, o sueco barão Norberg, ácerca dos chinas, curiosas pela perspicacia e originalidade dos conceitos.

= Quando o imperador da China, Khang-Hi, no meado do seculo 16.º consentiu dar aos portuguezes onde pozessem um pé no territorio do seu imperio em reconhecimento dos serviços prestados no exterminio dos piratas, soube combinar de tal sorte as cousas que sem faltar aos deveres de gratidão não prejudicasse com a admissão dos novos hospedes a immuniidade e segurança do territorio vizinho. Para esse effeito em logar de dar-lhes uma ilha inteira, cedeu-lhes sómente uma fracção della, tirada logo ahí uma linha de demarcação que assignava os limites de uns e outros. Em despeito destas precauções o nascente Macáu, fundado n'uma epocha em que o genio portuguez desenvolvia toda a força de seus recursos, tornou-se bem depressa florecente e rico. Desta vez os portuguezes, em logar d'um ponto militar, estabeleceram ahí uma colonia commercial onde as suas frotas vindas de Malaca, de Gôa e de Lisboa entretinham lucrosa e exclusiva mercancia. Passados tempos, hollandezes, e inglezes, rivaes invejosos de sua fortuna, trabalharam tanto que conseguiram abrir-se-lhes a porta de Cantão, fazendo tambem commercio directo nos portos chinezes; desde então o reinado de Macáu acabou. A este motivo deveriamos acrescentar outro: em Macáu, como em todas as demais possessões, os portuguezes não tem actividade e energia senão no introito [aux jours du debut.] =

O barão Norberg, que havia corrido o mundo desde Stockolmo até a China com o fim sómente, segundo dizia, d'affastar o enjôo de sua existencia, passeava n'uma bella noite de luar na solitaria ribeira de Macáu com o seu amigo e co-viajante, Dumond D'Urville. Ahí o silencio da hora, a formosura do firmamento, o estranho da posição n'um canto do mais populoso e ao mesmo tempo mais pacifico e mais original imperio do mundo, a recordação talvez simultanea e comparativa da differença desta casta chinesa e das dos outros tão variados povos que tinha visto e tratado, e aquella mesma disposição á melancholia que o levava a distrahir-se e espaiar-se percorrendo o universo, dictaram-lhe a seguinte passagem, que o viajante francez recolheu e consignou nos seus escriptos. = Isto agora, meu charo amigo, [lhe disse o sueco] é mais digno d'observação e exame: até aqui não temos visto senão ramagem de povos amesquinbada, enfraquecida, ou modificada pela enxertia; agora temos diante de nós um tronco, uma cêpa; uma nação emfim que resiste a todas as invasões exteriores; que dá aos estrangeiros, e nada toma delles; raça estacionaria embora, se assim o quereis, porem ao menos original, caracterisada por suas feições tão bem como por seus costumes, infatuada e vangloriosa de si mesma, e adiante deste orgulho uma nacionalidade indelevel. Se fosse praticavel convocar um congresso onde as grandes raças da Europa devessem questionar precedencias, verieis como a raça chinesa se collocava per si mesma no logar da presidencia; tal é a confiança e a fé que tem na sua sabedoria, na sua superioridade. Esta presumpção, este desprezo que professa pela civilização estrangeira, é uma injustiça, sem duvida; mas por outro lado peza quantas vantagens! Vêde entre nós a cada periodo de progresso como na Europa se abala toda a ordem social? Chegados o estamos, a uma idade madura, é-nos indispensavel desaprender as cousas de nossa adolescencia, violentar nossas antigas impressões, affazer-nos ás idéas que acabam de chegar: se isto acontece quando já estamos velhos, forçoso será recommençar de novo; porem como? O mundo passa avante, e ao ver-nos atraz nos escarnece e ridicularisa porque nossas pernas, já fracas, não podem marchar tão lestes como as dos mancebos.

Em cada uma destas epochas criticas é uma educação toda inteira que temos de fazer: despedaçaram-se os idolos que levavam as adorações até agora, ás vezes mesmo sem se collocarem outros em seu logar: tem-se alterado tão completamente o valor dos factos e dos vocabulos em politica, em moral, em litteratura, em philosophia, que se não sabe onde encontrar as noções do bello, do verdadeiro e do justo. Como não ousa duvidar da Providencia, digo como todo o mundo, é o progresso! mas por descargo de minha consciencia e de minha razão, acrescento: é a anarchia!

(Concluir-se-ha.)

Os homens altivos e vãos são semelhantes ás espigas de trigo, os que mais levantam a cabeça são os mais vazios.

Quaes são as quatro cousas mais difficeis? Conhecer-se cada um a si proprio. — Calar um segredo. — Esquecer uma injuria. — E aproveitar bem o tempo.